

# Auto-estima em afrodescendentes: a partir de estudos comparativos

Gérson Alves da Silva Júnior\*

Sibela de Barros Mata Vasconcelos\*\*

## Introdução

Durante os últimos anos temos presenciado aumento das discussões em torno da temática da diversidade cultural em nosso país. Desde a realização da conferência internacional da ONU, no ano de 2001 em Durban na África do Sul, sobre “*Racismo, Xenofobia e Outras Formas Correlatas de Intolerância*” que a temática vem assumindo lugar de destaque.

O Brasil configurado como um país pluriétnico não fica fora dessas discussões. Como em outros países essa questão aqui toma aspecto de problema com dimensões históricas.

Durante todo processo sócio-histórico de formação de nosso povo encontramos uma multiplicidade cultural, e junto com esta uma série de conflitos que adquire propriedades específicas de manifestação.

Mesmo assim, no Brasil, conforme Pereira (1996), produziu-se o “*slogan*” da idéia de *democracia racial*, na qual haveria uma convivência harmônica entre as diversas raças. Todavia, uma série de pesquisas efetuadas pelos movimentos negros e trabalhos dos diversos núcleos de estudos afro-brasileiros das universidades deste país, têm demonstrado que na verdade o racismo em nosso contexto é tão presente como em qualquer outra parte do mundo.

Acontece que a forma como o nosso racismo manifesta-se não permite sua identificação como tal devido à singularidade de expressão que o mesmo apresenta em nossa estrutura social<sup>1</sup>. Nossa discriminação racial é escamoteada, é mascarada, por isso um olhar ingênuo pode não percebê-lo.

Durante os anos oitenta do século passado o movimento negro adquire força de expressão significativa nas universidades, ocorre então o surgimento de diversos núcleos de estudo da temática. Na *Universidade Federal de Alagoas* (UFAL) aparece neste período um núcleo temático nomeado *Núcleo de Estudos Afro-brasileiros* (NEAB), que se configura como um dos núcleos temáticos mais antigos sobre o assunto. O NEAB nasce com o ressurgimento do interesse pela *Serra da Barriga*<sup>2</sup>, daí sua produção inicial foi muito voltada para o campo da História, contudo hoje o Núcleo é bastante articulado com o Centro de Educação (CEDU) da UFAL e realiza trabalhos em parceria com profissionais e estudantes de diversas áreas, inclusive de Psicologia.

O NEAB realizou algumas pesquisas que identificaram problemas no processo educativo decorrentes de questões raciais (Silva Júnior, 2002). Essas pesquisas levaram a produção de um trabalho no campo da Psicologia que tentava dimensionar as diferenças perceptivas dos sujeitos de nosso contexto relacionadas à apresentação de figuras de pessoas de etnias diferentes.

A pesquisa demonstrou que a imagem do negro é associada a atividades sociais de pouco ou nenhum prestígio social. Essa pesquisa foi importante, pois demonstrava empiricamente a expressão do *ideal de branqueamento*<sup>3</sup>. Todavia, algo de preocupante ficou evidente. Se a figura de negros era vista de maneira negativa pela sociedade, como ficaria a construção da auto-estima de crianças negras, já que a auto-estima relaciona-se intimamente com a auto-imagem e o autoconceito<sup>4</sup>.

Essa inquietação com a percepção negativa do negro estabeleceu-nos o propósito de investigarmos um pouco mais questões relativas à estruturação da auto-estima em crianças negras. Por essa razão, montamos a pesquisa que fundamentou o texto presente. Este trabalho, embora diferente dos demais, nada mais é que o prosseguimento de uma série de outras pesquisas realizadas pelo Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros da Universidade Federal de Alagoas.

A diferença fundamental desta pesquisa para com as demais é sua proposta ampliada, pois nela realizamos comparações de dados coletados em comunidades diferentes, no caso uma comunidade remanescente de quilombo e outra da periferia da capital do Estado<sup>5</sup>.

Assim sendo, situamos nosso objeto de estudo no fluxo dos trabalhos que tematizam às relações culturais a partir das posturas contraditórias construídas dentro de um processo histórico e que são de suma importância na oferta de material identificatório para afrodescendentes na sociedade brasileira.

Para apreendermos nosso objeto utilizamo-nos dos métodos de Análise Comportamental da Psicologia Operante<sup>6</sup>. Sem, entretanto, desconsiderar as formulações produzidas por outros campos, tais como o Ideal de Branqueamento elaborado por certos grupos de análise antropológica de nossa realidade étnico-cultural.

A pesquisa foi montada com o objetivo geral de verificar aspectos da auto-estima em uma comunidade de negros remanescentes de quilombo, no município de União dos Palmares, estabelecendo comparações com negros de uma comunidade da periferia de Maceió.

Pressupúnhamos que dentro de uma comunidade remanescente de quilombos o ideal de branqueamento não seria expressivo. Por essa razão, poderíamos encontrar ali comportamentos de afirmação da identidade<sup>7</sup> afro/negra com maior força, o que determinaria nos sujeitos menos atitudes de esquiva e uma melhor adaptabilidade ao meio. Em outras palavras, os sujeitos poderiam estruturar melhor nesse ambiente o que se chama de auto-estima elevada ou positiva.

Assim, com a hipótese de que negros inseridos em comunidades remanescentes de quilombos possuem uma auto-estima mais elevada do que negros inseridos na periferia de cidades onde o ideal de branqueamento atua fortemente, partimos para a coleta de dados.

Após a aprovação pelo Comitê de Ética partimos para a coleta oficial e efetiva de dados que se realizou durante o mês de janeiro do presente ano. A coleta de dados foi realizada por meio de quatro estratégias diferentes: 1) observação de campo com registro descritivo funcional; 2) realização de desenho-história com gravação em fitas cassete dos comportamentos verbais vocais emitidos sobre os mesmos; 3) realização de entrevista semi-estruturada sobre sentir-se negro na comunidade e a relação que o mesmo possuía com a etnia; e 4) observação funcional de comportamentos verbais emitidos diante de figuras humanas que representavam grupos étnicos diferentes<sup>8</sup>.

No total foram trabalhadas 30 (trinta) crianças, de ambos os sexos, com idade variando de 7 (sete) a 13 (treze) anos. Metade das crianças pertencia ao quilombo e a outra era da periferia da capital. Todas as crianças estavam estudando em escolas da rede pública e cursavam o ensino fundamental. No caso do quilombo a escola ficava na própria comunidade e foi lá que realizamos a maior parte das atividades. Na periferia a escola fica um pouco distante da região, em um conjunto residencial, mas o acesso é facilitado por ônibus gratuito.

Para as crianças não dávamos explicações aprofundadas de nossos objetivos, apenas conversávamos com as mesmas perguntando se elas gostariam de nos ajudar realizando alguns desenhos, olhando umas fotografias e conversando um pouco para vermos se elas gostavam delas mesmas. A informação aprofundada de nossos objetivos para as crianças poderia influenciar demais o resultado de nossa pesquisa. Porém, para os pais e professores, bem como diretores e representantes das comunidades dávamos todos os esclarecimentos possíveis e solicitados.

Além das crianças, conversamos e gravamos em fita cassete discussão com membros da comunidade, professores e representantes. Todo esse material coletado, embora não seja a totalidade da realidade, é suficiente, acreditamos, para realizarmos uma análise consistente dos processos fundamentais existentes nas comunidades, pois pensamos que este recorte conserva muito das propriedades básicas de nosso objeto de estudo.

## **Coleta de dados e variáveis**

De início nós não esperávamos que o ideal de branqueamento também tivesse penetrado com tanta força nos quilombos.

Almeida (1999) no livro *“Os índios nas falas e relatórios provinciais das Alagoas”* apresenta uma série de documentos e relatórios exigidos pelo governo imperial sobre informações a respeito do modo de vida, costumes e nível de integração dos índios alagoanos. A resposta dada sempre afirma que estes não apresentam mais diferenças em relação a costumes, modo de vida e qualquer outra coisa com relação aos outros membros de nossa sociedade. A sugestão dos documentos quase sempre é a de que não mais a sentido para manterem-se os aldeamentos e as “regalias” daqueles homens mestiços que nada mais possuem de índios, conforme os relatores.

É claro que os aldeamentos nordestinos já naquele período imperial não correspondiam mais às narrativas românticas de José de Alencar. Entretanto, não podemos deixar de perceber que os relatores possuíam expectativas e idéias pré-concebidas do que seria um aldeamento ou a forma de vida dos índios. Quando estes relatores perceberam a incompatibilidade de suas expectativas com a realidade posta, preferiram classificar aqueles que ainda se auto-identificavam como índios como sendo não índios.

Esse exemplo acima é importante para entendermos que não existe cultura estática, nem aqui, nem no Muquém ou em qualquer outra parte do planeta. Os homens e as culturas se modificam a depender do conjunto de fatores que os influenciam. Mas, não se pode negar que algumas formas de vida, mesmo aparentando profundas mudanças, conservam no seu meio elementos muito vivos sobreviventes dos grupos que originaram essas comunidades.

Assim, embora fosse claro que o modo de vida dos quilombolas do Muquém, não fosse muito diferente do nosso, também era nítido que ali, elementos da cultura negra, bem como a identidade negra, era mais vista e afirmada, respectivamente.

Desta maneira, sabíamos da existência ali do ideal de branqueamento, que penetrava principalmente por meio da televisão e do contato com as comunidades vizinhas. Mas, sabíamos também que naquele local existia de maneira muito forte atributos culturais que amortizariam a influência do branqueamento.

## **Resultado e análise dos desenhos-histórias**

Solicitamos que as crianças de ambas as comunidades confeccionassem desenhos. Pedimos que desenhassem a si próprias, a família e a turma de aula incluindo-se no desenho. Além disso solicitamos das crianças declarações sobre os desenhos individualmente. Nas duas comunidades frisamos bem que os personagens deveriam ser pintados. Realizamos essa atividade com trinta crianças divididas em igual número (15) para cada comunidade. Apresentaremos agora o resultado dos desenhos dentro das três formas que solicitamos.

## **Os auto-retratos**

Foram confeccionados trinta auto-retratos, quinze eram do Muquém e quinze da periferia. Na periferia, nenhuma das crianças coloriu o seu desenho com uma cor aproximada da sua, embora todos tivessem tez negra ou parda. Apenas um garoto desenhou um rosto e pintou de preto, mas desistiu ainda antes de acabar e durante a entrevista disse que foi um erro.

No Muquém, das quinze crianças, seis se pintaram de preto ou marrom escuro, uma se pintou de vermelho escuro e outra com um coral próximo do marrom. Mas, nesta comunidade havia três crianças com a tez clara. Desta forma, podemos referendar 50% das crianças com uma representação de si compatível com a realidade se adotarmos as convenções de cores da comunidade.

Em ambos os locais encontramos desenhos sem preenchimento de cor. É possível que estes desenhos sem preenchimento de cor, sejam um resultado da aprendizagem da criança que sofreu um condicionamento direto da forma de desenho, sem recombinar com outros processos que já possui (como a capacidade de discriminar cores, por exemplo). Mas, quando em um universo de quinze crianças todas deixam seu desenho sem preenchimento ou pintam com cores bem mais claras e incompatíveis com os estímulos discriminativos (como foi o caso da periferia), sabendo-se que essas crianças são capazes de discriminar as cores conforme a convenção de suas comunidades, esse fenômeno indica uma atitude de esquiva com relação a sua própria imagem. Lógico, que essa atitude de esquiva não é geral em todos, como disse, pode ser uma consequência da aprendizagem, entretanto, um estudo mais minucioso com cada criança denunciaria maiores detalhes desta situação.

Por essa razão, não apresentamos conclusões apenas com essas evidências, mas apresentaremos uma série de outros resultados que demonstram processos condicionantes diferentes nas comunidades.

## **Os Desenhos das Famílias**

Na periferia, apenas uma criança, do sexo feminino, desenhou o pai com traços negróide, mas a cor que utilizou para pintar não foi escura. A mesma durante a entrevista declarou que o pai é bem escuro, mas achou melhor não desenhá-lo assim. Os demais desenhos eram descoloridos ou apresentavam cores diferentes das que a comunidade convencionou ser a deles.

No Muquém quatro desenhos apresentam nitidamente características negróides nos personagens, mas em um desses quatro desenhos, os personagens estão descoloridos, na entrevista o sujeito disse que não achou preciso pintar, pois daria mais trabalho. Três crianças foram às mesmas que fizeram seus auto-retratos compatíveis com as convenções. E outra desenhou a si e a família pintando-se de preto, mas não havia feito seu auto-retrato assim.

A análise do auto-retrato encaixa-se da mesma forma aqui. Entretanto, o cansaço pode ter começado a influir na confecção dos desenhos, é o que se pode

supor a partir do comportamento verbal: “dá mais trabalho”. Veja que a argumentação indica um processo diferente do caso do comportamento vocal: “(...) fica melhor assim”, como foi o caso da garota da periferia.

## **Os Desenhos das Escolas**

A qualidade destes desenhos caiu em ambos os grupos. A movimentação exagerada das crianças, os bocejos e comportamentos vocais, indicavam sinais de cansaço.

No Muquém, apenas uma criança pintou os personagens de negro. Foi uma garota que já havia representado a família e seu auto-retrato com cor preta. Todas as outras crianças deixaram seus desenhos descoloridos e duas pintaram apenas as roupas.

Na periferia, as crianças pintaram as roupas e deixaram os corpos descoloridos. Quatro deixaram o desenho completamente descoloridos. Mas, uma criança do sexo feminino, que não havia feito antes nenhuma representação negra, apresentou um desenho interessante, ela desenhou seus companheiros como negros e os pintou de negros, mas a figura dela não foi pintada de marrom, nem seu cabelo foi representado encaracolado.

Esse último desenho, desta garota, demonstra que não existe problema nos órgãos sensoriais da criança, nem tampouco em suas estruturas de percepção. Esse desenho demonstra a dificuldade em aceitar uma auto-imagem que é associada a elementos negativos, sendo assim, mais fácil esquivar-se.

## **Observações Gerais dos Desenhos**

As crianças das periferias demonstravam melhor coordenação motora e maior velocidade na confecção dos desenhos. Seus desenhos apresentavam traços mais definidos e as pinturas eram menos falhas. Isso, sem dúvidas, é consequência de uma escola mais bem aparelhada e professores mais bem preparados e capacitados para atividade de ensino.

Todavia, esses alunos da periferia demonstraram nesses mesmos desenhos maior incompatibilidade com as convenções de suas comunidades, mas essa incompatibilidade demonstra com certa segurança a atitude de esquiva com relação à discriminação que o sujeito faz de si próprio.

## **O Resultado das entrevistas**

As entrevistas foram semi-estruturadas, mas houve três perguntas que foram padrão para todos. Apresentaremos duas tabelas com as três perguntas padrões e as respectivas respostas. Uma tabela é da comunidade de periferia e a outra do muquém. Às vezes, precisávamos detalhar melhor a resposta apresentada pelo entrevistado, daí, fazíamos novas perguntas, essas perguntas e comentários são apresentados na tabela entre colchetes.

## Tabela da Periferia

Sexo	Como você se vê: negro, índia, branca ou outra coisa?	Você gosta de ser assim?	Se pudesse mudar você mudaria?
	Negro	Não	Seria branco
	Moreno	Gosto	Quero ser do meu jeito mesmo
	Negra	Gosto de ser assim	Mudaria, teria o cabelo estirado e a pele mais clara
	Negra	Gosto não	Mudaria [Como?] Seria diferente [Como?] Bonita [como assim?] Mudaria o cabelo [Porquê?] Porquê às vezes os meninos mangam de mim e me acham feia. [Só mudaria isto?] Só.  [Quando fui buscar outros garotos ela me procurou e disse: "Tio, o senhor me perguntou se eu mudaria outra coisa, eu disse que não, mas foi porque eu tava nervosa, eu mudaria sim: a minha pele".]
	Morena clara [ela realmente é morena clara]	Gosto	Não
	Negra	Tenho orgulho de ser assim	Não queria não
	Outra coisa. [O quê?] Morena clara.	Gosto	Mudava não
	-	-	-
	Morena	Gosto	Mudaria [demorou um pouco e fechou os olhos] eu seria branca tio.[Porquê?] porque é mais bonito.
	Moreno	Gosto	Meu pai, todo mundo é branco [Você gostaria de ser branco?] Quería sim.
	Preto	Não gosto	Mudaria, seria branco porque é mais bonito.
	Negra	Gosto de ser assim	Não
	Morena clara	Gosto	Mudava, seria mais clara.
	Índia [possui características cafuzas]	Gosto	Seria diferente [Como?] Mais clara
	Branca	Gosto	Mudaria: teria o cabelo liso, o cabelo bom, mudaria o rosto, seria mais largo e a pele clara. Seria mais bonita [Como assim?] Branca.

Das quinze crianças, uma não pode participar, pois foi suspensa neste dia por ter brigado com outros alunos na escola. Na sala a professora declara que quando o mesmo não é "calado é briguento com os outros, não agüenta uma brincadeira". A professora falava em tom alto e com a musculatura da face contraída, suas sobrancelhas se inclinavam para o nariz, ela parecia está bastante irritada, de modo que não foi possível perguntar sobre que tipos de brincadeira o garoto se irrita.

Dos quatorze entrevistados, nove apresentaram comportamentos de evitação as características negras. Muitos emitiam o comportamento verbal vocal auto-descritivo incompatível, isto é, se autoconceituavam de modo diferente daquela padronizada pela comunidade. Embora seja comum o negro brasileiro se identificar como moreno, a análise antropológica demonstra um processo de construção histórica que denuncia uma esquivas dos padrões afro com este comportamento.

Muitos (exatamente seis) facilmente podiam ser provocados a entrar em dissonância cognitiva com seus próprios discursos. Emitiam o comportamento verbal afirmando que gostavam de ser do jeito que eram, mais demonstravam processamento interno diferente (comportamento encoberto). Isto era visível quando diziam que mesmo gostando de serem o que eram queriam mudar isso e aquilo. A nosso ver, o

comportamento verbal de afirmar que gosta de ser o que é, foi adquirido como defesa. O sujeito experienciou de alguma forma que traz menos prejuízos declarar que gosta do que é, mesmo não correspondendo ao que realmente ecoa dentro de si, que afirmar que não gosta e ter que explicar porque. Na maioria das vezes, a comunidade condiciona o sujeito a emitir o comportamento verbal “gosto de mim” sem necessariamente isso corresponder aos eventos privados do sujeito. Esse processo ocorre pela dificuldade de acesso aos estímulos privados do sujeito que a comunidade nem sempre tem acesso. Essa incompatibilidade pode trazer problemas concretos para o sujeito. Mas, além disso, neste caso demonstra os processos discriminatórios de nosso contexto.

## Tabela do Quilombo

Sexo	Como você se vê: negro, índia, branca ou outra coisa?	Você gosta de ser assim?	Se pudesse mudar você mudaria?
	Me vejo negra.	Eu gosto de ser aqui, porque todo mundo, quase todo mundo é.	Não, seria assim mesmo do jeito que sou.
	Eu sou negra	Gosto (com ênfase)	Não
	Branca [possui a tez clara]	Gosto	Teria o cabelo liso
	Morena	Gosto	Eu não
	Branca [possui a tez clara]	Gosto	Mudaria meu cabelo (Como?) deixaria estirado
	Morena	Eu gosto	Não, eu me acho bonita
	Negra	Gosto	As pessoas do Taquari mangam, mas eu gosto. Não, mudaria não.
	Negro	Mais ou menos (como assim?) ah! às vezes é ruim e às vezes é bom.	Eu não mudaria não, mas às vezes da vontade.
	Branca [possui a tez clara]	É bom ser assim	Não
	Negra	Gosto sim	Seria mais bonita (como assim?) Eu seria maior
	Morena	É bom, eu gosto	Seria branquinha (porque?) porque o povo manga da gente daqui do Muquém. (E mudaria alguma coisa? Pois, você continuaria sendo daqui) É, mas não chamariam nega do Muquém.
	Negra	Gosto sim	Mudava não, mas... nada não. [O que é?] Que o pessoal da “rua” [significa a cidade] fica dizendo que é neguinha do Muquém.
	Moreno	Gosto	Mudava não, eu queria ser assim mesmo.
	Negro	Gosto não	Era melhor ser mais claro porque todo mundo acha mais bonito. [você acha mais bonito?] Às vezes eu acho. [Às vezes quando?] Quando minha mãe e o povo acha mais bonito.
	Negra	Eu gosto	Mudava nada

Das quinze crianças entrevistadas, nenhuma apresentou completa disparidade com os padrões convencionados pela comunidade. As que se declararam morenas realmente eram um pouco mais claras que os que se professaram negros. Os que se professaram brancos tinham a tez branca.

Os que apresentavam desejo de mudança apresentavam uma razão concreta para isso. Dois dos que são mais claros a ponto de serem classificados como brancos, mudariam o cabelo, deixando-o liso. Essa fala demonstra-nos que ali naquela comunidade, embora de forma amortizada o ideal de branqueamento também está presente.

Uma criança disse que gostaria de mudar, mas não apresentou o desejo de mudar as características raciais e sim uma característica física ligada a outros padrões que não o racial: a altura.

A cidade e o Taquari apresentam-se como locais onde os mesmos são ameaçados por suas características, enquanto que a comunidade aparece como um refúgio na fala de muitos, a ponto de haver declarações que afirmam que só é bom ser negro ali no Muquém.

Essas perguntas acima nos dão uma noção de como os sujeitos se autoconceituam e de como os mesmos se relacionam e concebem suas etnias.

### **Outras Perguntas**

Além dessas perguntas padronizadas para todos realizamos entrevistas com membros da comunidade e fizemos algumas outras perguntas para algumas crianças.

De posse dos desenhos, perguntávamos as crianças como aqueles personagens se sentiam. Todas as crianças de ambas as comunidades emitiram comportamentos verbais declarando que aqueles personagens eram felizes, alegres, etc. Apenas uma criança do muquém disse que o pai não era feliz, quando foi perguntado porque ela disse que era porque o pai não tinha trabalho, estava desempregado. Isso demonstra a compatibilidade e a normalidade sensorial e perceptiva, sempre apresentando argumentos concretos.

As crianças que se desenhavam sem se colorir, quando ocorria de ser incompatível, demonstravam no comportamento verbal que se percebiam diferente, mas era mais adequado para elas se produzirem daquela forma:

- Você é assim sem cor?
  - Não!
  - Como você é?
  - Escura, mas é melhor ficar assim. (aponta para o desenho)”
- (criança da periferia)

Todas as crianças declararam que os personagens dos desenhos eram bonitos e chegavam a contar histórias ao passo que identificavam os mesmos.

Durante a entrevista com os professores, os do Muquém expuseram a falta de apoio e assistência do poder público na oferta de materiais e na preparação e

formação dos professores. Denunciaram também a existência de problemas com as comunidades vizinhas por conta de preconceitos na forma de piadas e chacotas: “Nega do Muquém!”.

### **Análise das respostas emitidas diante das fotografias**

No total foram apresentadas nove fotografias. Quatro fotografias eram apresentadas com pares correlatos. Ou seja, cada uma das quatro fotografias possuía um figura com formas e situações semelhantes modificando apenas o representante racial da figura. Desta forma, apenas uma figura não possuía um par correspondente. Essa figura era a de uma criança negra abraçada a uma criança branca.

Quatro fotografias eram de mulheres que apareciam sozinhas nas fotos. Duas estavam de biquíni e sorrindo, em que uma era negra e outra branca. As outras duas estavam mais vestidas e sérias, uma era branca e a outra negra.

Duas fotografias eram de homens que apareciam sozinhos, um era negro e o outro branco. As últimas duas fotografias apresentavam duas turmas sorrindo em uma piscina, uma turma era de negros e outra de brancos.

Para as duas fotografias que representavam a turma de negros e brancos na piscina, perguntávamos qual era a turma mais feliz. No Muquém, onze crianças das quinze entrevistadas disseram que a turma de negros era mais feliz. Na periferia, nove das quinze crianças disseram que era a turma de negros a mais feliz. Esse resultado já demonstra uma diferença considerável, mas nada é comparável ao que veremos a seguir.

Para as fotografias dos homens, perguntávamos qual dos dois era o mais bonito. No Muquém, das quinze crianças, oito afirmaram ser o homem negro o mais bonito. Mas, na periferia, ninguém achou o homem negro mais bonito, todos escolheram o homem branco.

Nas fotografias das mulheres de biquíni fazíamos a mesma pergunta dos homens: qual é a mais bonita? No Muquém, seis crianças escolheram a mulher negra, na periferia ninguém optou pela negra, todos escolheram a branca.

Com relação às mulheres compostas e sérias, a pergunta era a mesma e os resultados não foram diferentes. No Muquém, quatro escolheram a mulher negra. Mas, na periferia ninguém optou pela mulher negra, todos disseram ser a branca a mais bonita.

Já a fotografia que apresentava duas crianças abraçadas, onde uma era negra e outra branca, a pergunta era se eles podiam ser amigos. Todos em ambas as comunidades afirmaram que eles podiam ser amigos, com exceção de uma criança do Muquém que se expressou da seguinte maneira:

- Eles podem ser amigos?
- Pode não.
- Porquê?

- Eles são amigos porque são criança, mas adopois o branco maltrata o nego. É, o branco malvada do nego”.

(Criança do Muquém)

Todos esses dados são suficientes para percebermos que existem processos culturais essencialmente diferentes em ambas as comunidades que determinam padrões comportamentais públicos e privados diametralmente distantes.

As crianças do muquém apresentam menos atitudes de esquiva com relação a suas auto-imagens, quando comparadas com crianças da periferia de grandes cidades onde o ideal de branqueamento atua fortemente. É certo que ambas as gerações cresceram expostas à televisão que veicula mensagens carregadas de deduções valorativas. Mas, no Muquém, elementos vivos da cultura afro, bem como os padrões comportamentais dos mais velhos de assumirem-se como negros, resulta numa associação de elementos entendidos como positivos e bons com a figura do negro.

Infelizmente, no contexto das periferias, as associações da figura do negro se dão quase que exclusivamente com elementos discriminados como ruins, negativos o que determina também a construção de um autoconceito negativo com relação a si mesmo. Como a auto-estima é o juízo de valor deste autoconceito, podemos então afirmar que nossa hipótese se confirma diante das evidências que apresentamos.

Ou seja, realmente crianças inseridas na periferia de grandes cidades possuem auto-estima baixa quando comparadas com crianças de remanescentes de quilombos, ainda que este tenha contato considerável com a comunidade nacional.

## **Conclusão e proposta diante dos fatos**

O ideal de branqueamento produzido há muitas décadas continua atuante e determinando comportamentos inadequados nos sujeitos. A auto-estima sofre influência direta deste processo muito bem descrito por certos antropólogos.

Nos quilombos o ideal de branqueamento é presente, mas elementos de valorização associados à figura do negro, dão uma espécie de contrapartida a este processo.

Nossa hipótese de que negros em comunidades de quilombos estruturam uma auto-estima mais elevada que negros em periferia de cidades onde o ideal de branqueamento atua fortemente, foi confirmada. Mas, além disso podemos analisar a partir daí quais são os elementos estruturais dessa auto-estima elevada.

Fica evidente que o fenômeno que descrevemos é um resultado da organização e estruturação das comunidades.

Com o substrato que temos podemos afirmar que, os cantos de louvor à figura do negro, a história de enaltecimento do negro presente no discurso da comunidade (comportamento verbal), elementos como a capoeira, artesanato e auto-sustentação, dão aos membros daquela comunidade elementos suficientes para

padronizar a construção de uma auto-estima elevada de seus membros. É evidente que outros problemas (econômicos, saúde, etc.) podem afetar esta auto-estima, mas os problemas não serão determinados pelos conceitos de raça convencionados pela comunidade.

Realidade menos favorável a uma sobrevivência plenamente adaptada são os processos que encontramos na periferia das grandes cidades. Os negros destas regiões, além de enfrentarem as baixas da auto-estima decorrentes de problemas de saúde, economia, desastres, etc. são condicionados a incorporarem uma imagem negativa de si, produzindo uma autoconceituação associada e carregada de elementos negativos.

A escola como espaço formal de educação deve repensar suas práticas e dar maior atenção aos elementos culturais que associam a imagem do negro a construtos categorizados como bons.

É fundamental o papel da educação na desconstrução do processo que estudamos aqui. Disciplinas que trabalhem a figura do negro devem ser pensadas, produzidas e aplicadas. Sem isso, essa realidade que nós mesmos convencionamos chamar de mesquinha, continuará inalterada.

Desde o dia 9 de janeiro de 2003, foi aprovada a Lei 10.639, tornando obrigatória o ensino de história e cultura afro-brasileiras no *ensino básico*. Dentre outros elementos, os currículos deverão incluir a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional. Todavia, falta um esclarecimento sobre o modo e a forma que estes conteúdos serão trabalhados na referida disciplina, do mesmo modo que existe ainda uma distância entre a obrigatoriedade da Lei e a efetivação da mesma. Esse artigo pretende oferecer suporte ao educador na reflexão deste dispositivo legal que só o pedagogo pode concretizar.

O pensar só se modifica diante de condições concretas da realidade que exijam do sujeito novas formas de agir.

## NOTAS DE RODAPÉ

\* Graduado em Psicologia pela Ufal e mestrando em Educação Brasileira (CEDU/UFAL).

\*\* Graduada em Psicologia pela UFAL e especialista em Psicologia Hospitalar.

<sup>1</sup> As pesquisas realizadas pelo Núcleo de Estudos Afro-brasileiros da Universidade Federal de Alagoas, durante os anos de 2000 a 2003, demonstram a forma mascarada que o racismo adquire em nosso contexto. O racismo teria sua expressão em comportamentos que parecem não causar transtornos tão graves como o comportamento agressivo, todavia, algo mais violento acontece, o formato de nosso racismo causa desestruturação emocional dotando os sujeitos discriminados com uma série de comportamentos de esquiva e fuga. (ver relatórios PIBIC/PROPEP/CNPq 2000-2001, 2001-2002 e a pesquisa intitulada *Diferenças perceptivas relacionadas a figuras de negros e brancos*, 2003)

<sup>2</sup> Situada no município alagoano de União dos Palmares, foi palco de grandes lutas de resistência negra durante o século XVII.

<sup>3</sup> Conceito antropológico que afirma existir em nossa sociedade uma tendência a tomarmos a cultura e as características brancas (caucasóides) como padrão de excelência.

<sup>4</sup> Todas as pesquisas referidas neste parágrafo foram orientadas pelo Dr. Moisés de Melo Santana, do Centro de Educação.

<sup>5</sup> Godoy (1999) realizou uma pesquisa semelhante tentando observar aspectos da auto-estima, autoconceito e auto-imagem a partir de desenho-histórias. Todavia, a pesquisa de Godoy não foi comparativa e possuía bases epistemológicas diferentes.

<sup>6</sup> Psicologia de base experimental conhecida também como comportamental ou behaviorismo.

<sup>7</sup> Na verdade, o sujeito manifestaria menos comportamentos de esquiva, apresentando comportamentos auto-descritivos mais compatíveis com a realidade

<sup>8</sup> As entrevistas semi-estruturadas e os comportamentos verbais vocais emitidos diante das figuras, também foram gravadas na íntegra em fitas cassete.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Luiz Sávio de (org). *Os índios nas falas e relatórios provinciais das Alagoas*. Maceió: Edufal. 1999.

ÁVILA, Fernando Bastos de, s.j. *Pequena enciclopédia de moral e civismo*. 3 ed. Rio de Janeiro: FENAME. 1978

CASHMORE, Ellis. *Dicionário de relações étnicas e raciais*. São Paulo: Summus. 2000.

FADIMAN, James e FRAGER, Robert. *Teorias da personalidade*. São Paulo: Harper & Row do Brasil. 1979

FERREIRA, Ricardo Franklin. *Afro-descendente: identidade em construção*. São Paulo: EDUC; Rio de Janeiro: Pallas, 2000

GODOY, Eliete Aparecida de. *Refletindo a construção do autoconceito e da auto-estima pela criança negra*. In: LIMA, Ivan Costa; ROMÃO, Jeruse; SILVEIRA, Sônia M. (orgs). *Os Negros e a Escola Brasileira*. (Série Pensamento Negro em Educação) Florianópolis, n<sup>o</sup> 6, Núcleo de Estudos Negros (NEN), 1999.

KOOGAN A. & HOUAISS, A. *Enciclopédia e dicionário ilustrado*. 3 ed. Rio de Janeiro: Seifer, 1998.

MAGGIE, Y. "Aqueles a quem foi negada a cor do dia": as categorias cor e raça na cultura brasileira in: *Raça, Ciência e Sociedade*. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz/ccbb, 1996.

1992

MUNANGA, Kabengele. *Mestiçagem e experiências interculturais no Brasil*. In: Schwarcz, Lília Moritz, & REIS, Leticia de Souza (orgs.) *Negras Imagens*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Estação Ciência, 1996.

PEREIRA, João Batista Borges. *O Retorno do Racismo*. In: SCHWARCZ, Lília Moritz & QUEIROZ, Renato da Silva (orgs.) *Raça e diversidade*. São Paulo: Estação Ciência: Edusp, 1996.

PILBEAM, David. *A evolução do homem*. Lisboa: Editorial Verbo. 1973

ROSE, Júlio César de, *Consciência e Propósito no behaviorismo radical* in: JÚNIOR, Bento Prado (Org.), *Filosofia e comportamento*, Brasiliense, 1982.

SAVOIA, Mariângela G. & CORNICK, Maria A. C. P. *Psicologia social*. São Paulo: McGraw Hill, 1989.

SILVA JR, Gérson Alves da. *Reflexões étnicas sobre o processo formativo a partir de uma perspectiva psicológica*. In: *Psicologia: Ciência e Profissão*. Brasília: CFP. Ano 22. 2002

SKINNER, B. F. *Science and Human Behavior*, New York, McMillan, 1953

\_\_\_\_\_. *Verbal Behavior*, New York, Appleton Century Crofts, 1957

SCHWARCS, Lília Moritz. *O espetáculo da miscigenação: cientistas, instituições e questões raciais no Brasil - 1870-1830*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.